



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Marcos Ximenes Ponte

Vice-Reitor: Zélia Amador de Deus

Pró-Reitores: Camilló Martins Vianna (PROEX)

Cristovam Wanderley Picanço Diniz (PROESP)

Joaquina Barata Teixeira (PROPLAN)

Marlene Rodrigues Medeiros Freitas (PROEG)

Vera Maria Bandeira Arruda (PROAD)

Secretário Geral da UFPA: Emanuel Gonçalves Matos

Prefeito do Campus: Abílio Augusto Velho da Cruz

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: Zélia Amador de Deus

Membros: Anaiza Vergolino Henry, André Luiz A. Mesquita,

Ricardo Ishak, Telma de Carvalho Lobo

Representante da Biblioteca: Maria da Graça C. Ponte de

Souza

Representante da Gráfica: Ivan Cardoso Costa

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Diretora: Telma de Carvalho Lobo

Vice-Diretora: Guilhermina Pereira Correa

Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras : José

Carlos Chaves da Cunha

Comissão Editorial: Audemaro Goulart, Benedito José Vianna

da Costa Nunes, Christophe Golder, Francisco

Queixalôs, José Carlos Chaves da Cunha, Leopoldina

Araújo, Luis Antonio Marcuschi, Maria do

Perpétuo Socorro Galvão Simões, Paul Rivenc.

Editor Executivo: Alexandre Mota

Revisão Editorial: José dos Anjos Oliveira

Capa: Francisco Cavalcante

MOARA
Revista
dos Cursos
de Pós-Grad.
em Letras,
UFPA

**ESTUDOS DE PRAGMÁTICA
LINGÜÍSTICA**

ISSN 0104-0944

Moara - Rev. dos Cursos de Pós-Grad.	Belém n. 3	p.1-91	abr./set. 1995
--------------------------------------	------------	--------	----------------

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor: Ivan Cardoso Costa
Diretor da Divisão de Editoração: Lairson Costa
Diretor de Arte-Final e Fotocomposição: Paulo Camarão
Diretor de Produção: Luiz Carlos Galeno
Montagem: Manoel Gomes de Lima
Fotolito: Walfredo Ávila dos Santos

Periodicidade: Semestral
Endereço: *Cursos de Pós-Graduação em Letras*
Centro de Letras e Artes
Campus Universitário do Guamá - R. Augusto Correa, 1
Guamá - Belém - PA - Brasil
66075-110 Fone: (091) 211-1499, 211-1501

Catálogo: Biblioteca Setorial do CLA

MOARA. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras/UFGA	
n. 1	1993
Publicação interrompida de out/93 a set/94	
n.2	1995
n.3	1995
Belém, Universidade Federal do Pará	
Semestral	
1. Lingüística. 2. Literatura I. Universidade Federal do Pará. Centro de Letras e Artes	
CDU 801	

Sumário

Apresentação	
Luiz Antônio Marcuschi	5-10
Contribuições da Teoria da Polifonia à Análise da Conversação	
Megan Parry de Castro Duque Estrada	11-21
Argumentation et Enseignement/ Apprentissage des Langues	
José Carlos Chaves da Cunha	23-35
O Processo de Inferência no Ensino/ Aprendizagem da Língua Estrangeira	
Célia Maria de Macêdo	37-47
Teoria da Pertinência: Contribuição para uma Abordagem Comunicativa de Ensino/ Aprendizagem de Línguas?	
Myriam Crestian Chaves da Cunha	49-64
A Relação entre a Idéia de Contexto na Teoria da Relevância e a Abordagem da Língua Estrangeira Instrumental	
Walkyria Magno e Silva	65-73
A Teoria da Pertinência e o Ensino- Aprendizagem de Línguas: O Artigo Definido.	
Alzerinda Oliveira Braga	75-82
A Entrevista Lingüística: Esse Estranho Diálogo	
Maria Risoleta Julião	83-91

APRESENTAÇÃO

Quase monográfico, este número da revista MOARA é uma mostra exemplar da produção intelectual de docentes e alunos do Programa de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará. Ponto comum aos textos é a preocupação com o ensino de língua ou com o tratamento de fenômenos lingüísticos ligados ao ensino. De ressaltar, nestes trabalhos, é a consistência e a atualidade das abordagens, todas baseadas no pressuposto da *relevância do contexto*, o que define a linha de tratamento na perspectiva da pragmática. Uma pragmática que não vem marcada pela teoria dos atos de fala, que já se evidenciou de pouca produtividade, ao supor contextos aprióricos e estanques, mas por noções cognitivas e interacionais mais dinâmicas e com caráter de reflexividade sobre os atos lingüísticos no processo comunicativo.

As reflexões aqui reunidas dedicam-se, pois, a esclarecer de modo lúcido e compreensivo o papel do contexto enriquecido pela noção de pertinência (ou relevância), considerando, no processo de comunicação, o papel das inferências. Em suma, trata-se de contribuições sistemáticas numa linha de investigação que engloba trabalhos numa perspectiva que, simplificada, poderíamos chamar de **pragmática sócio-cognitiva**, fundada sobretudo nas propostas de Dan Sperber e Deirdre Wilson e de Oswald Ducrot com sua **pragmática integrada**.

Um dos traços marcantes de todos os trabalhos é o conjunto de argumentos teóricos trazidos para evidenciar que a noção de comunicação e o conseqüente processo comunicativo, tal como entendidos até hoje, não conseguem dar conta do que ocorre na produção e compreensão do texto falado e escrito em suas situações comunicativas. Daí o esforço empreendido para mostrar que as noções de codificação e decodificação já não são adequadas como formas de enfocar o processo de compreensão e argumentação, porque quando

não cometem o pecado maior de reduzir toda a atividade de produção de sentido ao domínio do código lingüístico, privilegiam esse mesmo código de modo a sufocar todas as demais fontes significativas.

Na tentativa de fornecer uma noção do conteúdo dos diversos textos, apresento, a seguir, uma breve observação sobre as questões centrais de cada um dos artigos. Certamente, não farei mais do que uma simplificação arbitrária. Mas a intenção é nobre: pretendem, essas observações, servir de convite à leitura dos textos na íntegra.

O primeiro estudo, de Megan P. de C. D. Estrada, investiga a contribuição da teoria da polifonia de O. Ducrot para a análise da conversação. O estudo é uma interessante revisão das noções de falante e ouvinte tal como postuladas pela análise da conversação tradicional e de orientação essencialmente estrutural. Fundada na pragmática integrada de O. Ducrot (= semântica + pragmática + discurso), e centrada na teoria da polifonia, a autora distingue, com Ducrot, entre o *sujeito falante* (sujeito empírico, real) e o *locutor* (sujeito na situação discursiva). Além disso, assume outra dupla de distinções daí decorrentes: *locutor / alocutário* e *enunciador / destinatário*. Com base no estudo de um segmento de texto, a autora mostra como um mesmo locutor pode dar origem a vários *enunciadores* que produzem os pontos de vista no discurso, o que sugere que um mesmo locutor pode operar como suporte de vários enunciadores, ou seja, a visão linear e estanque de *falante-ouvinte* da análise da conversação é revista em favor de um melhor enquadramento da produção discursiva. Em consequência, surge um modelo de interação com unidades hierarquicamente ordenadas e uma redefinição da noção de turno na relação com as fontes enunciativas em contextos polifônicos, como por exemplo, no caso mais evidente do discurso direto. Estas reanálises são uma contribuição significativa para esclarecer as estratégias usadas pelos locutores para manipular seus interlocutores num eficiente jogo de enunciadores.

José Carlos Cunha trata da *argumentação* no ensino e aprendizagem de línguas, tomando por base a pragmática integrada de O. Ducrot e seus colaboradores. Parte da tese central de que a

argumentação “constitui o ato lingüístico fundamental”, sobrepondo-se até mesmo ao conteúdo informacional, já que determina seu valor pragmático nem sempre coincidente com o valor informativo. Longe de restringir a argumentação ao quadro da lógica formal ou às relações restritas às condições de verdade dos enunciados, o autor dedica-se a mostrar como *todos os textos são argumentativos*, desde que a argumentação é um fator central no próprio encadeamento dos enunciados. O estudo vai além do papel específico dos conectores e dos operadores argumentativos, mostrando que além dos morfemas e itens lexicais específicos, também há os *topoi* como forma própria de orientar o processo argumentativo. Para mostrar como funciona a perspectiva pragmática no processo argumentativo, o autor analisa textos de jornais franceses sobre o assassinato do seringueiro Chico Mendes. A rigor, ao concluir que todos os textos são argumentativos, que argumentar é uma forma de orientar o discurso e que os argumentos formam um sistema, o autor vai mais longe do que apenas fornecer um conjunto de postulados relevantes ao ensino e aprendizagem de língua. Define um quadro teórico com enorme potencial descritivo-explicativo da própria atividade pragmática de argumentar, fornecendo um aparato complementar aos demais trabalhos desta coletânea concentrados na pertinência.

Célia Ma. Macedo dedica-se à análise do processo de inferência no ensino/aprendizagem de língua estrangeira, mostrando que a significação produzida na leitura de texto não se funda apenas nos elementos informacionais trazidos pelos dados lingüísticos superficiais, mas no conjunto de inferências realizadas que levam a determinar a intenção comunicativa no processo de interação verbal escrita ou falada. Sugere uma expansão das noções de Grice (1975) pelas contribuições de Sperber e Wilson com o princípio de pertinência e uma noção de contexto enriquecida. Central na argumentação é a tese da relação inversamente proporcional entre o *efeito* do enunciado e o *esforço* do ouvinte no processo de compreensão: tanto maior o efeito comunicativo dos enunciados quanto menor o esforço exigido do ouvinte para depreender a significação. Nessa relação se estabelece o grau de

pertinência e se define o papel do contexto como uma grandeza dinâmica e variável que exorbita a situacionalidade para se completar no âmbito cognitivo. Não é difícil perceber o potencial dessa hipótese para o ensino de língua estrangeira, já que o simples domínio do novo código, a LE, não é suficiente para o processo comunicativo. Tratar o ensino de LE com vistas à competência comunicativa dos falantes é trabalhar textos e situações autênticos em situações reais, tendo em vista os processos inferenciais envolvidos.

Esta idéia será central também no trabalho de Myriam C. C. da Cunha, que procede, inicialmente, a uma revisão das noções hoje consideradas insuficientes da abordagem comunicativa do ensino/aprendizagem de línguas. A hipótese de trabalho levantada propõe um enriquecimento da abordagem comunicativa pela noção de pertinência que se acresceria à teoria dos atos de fala e enriqueceria a noção de competência comunicativa e situação de comunicação, tornando-as mais operacionais. O problema central da abordagem comunicativa foi privilegiar o ponto de vista do locutor. O princípio de pertinência, na medida que envolve as atividades mutuamente desenvolvidas pelos interlocutores, considera tanto o papel do locutor como as atividades essenciais realizadas pelo ouvinte na tarefa de desenhar as inferências. Com isto, a comunicação se transforma num empreendimento interpretativo situado em contextos pertinentes que diminuem os esforços requeridos para a compreensão, aumentando os efeitos contextuais na seleção dos fatores relevantes. O contexto se torna efetivamente um segundo código que não compete, mas completa o código linguístico na atividade inferencial. Novamente, sobressai o potencial dessa perspectiva no ensino de língua, dando assim uma resposta positiva à pergunta que a autora se fazia no título do trabalho.

Walkyria Magno e Silva dedica seu estudo à análise do papel do contexto no trabalho com língua estrangeira instrumental, observando como a leitura de textos pode ser melhor desenvolvida à luz do princípio da pertinência. Pertinentes são os enunciados que conseguem produzir efeitos significativos sobre o contexto em que agem e que recebem

desses mesmos contextos a contribuição seletiva para o estabelecimento do sentido. Assim, o contexto se torna um tipo de co-construção no processo de compreensão, ou seja, é uma grandeza variável. Novamente retorna a tese do *esforço* na relação com o *efeito* como índice de pertinência mediado pela contextualização. Com base nessas posições a autora mostra, a partir de um exemplo por ela analisado, como poderia ser operacionalizado o estudo da leitura no trabalho de língua estrangeira instrumental.

Alzerinda de Oliveira Braga volta sua atenção à produtividade da noção de pertinência no ensino e aprendizagem de um aspecto específico, ou seja, o *artigo definido*, tomando como exemplo o português falado pela comunidade do Posto Indígena Guaporé. Parte da idéia de que se a informação velha já é conhecida e a informação nova é desligada de conhecimentos atuais, relevante será a informação nova ligada a uma informação velha para dar condições ao processamento. Esta hipótese torna-se produtiva no ensino na medida que representa mais do que um simples princípio teórico e se transforma numa prática. Assim, a autora sugere que o ensino se torna tanto mais produtivo quanto mais envolver conhecimentos já existentes, contextualizando-os em situações novas. No caso específico do artigo definido, de pouca valia seria apenas identificar o artigo como indicador de gênero (coisa conhecida), mais relevante seria identificar seu emprego em situações de uso textualmente localizadas, dando inclusive margem a que se coloque o aprendiz no centro do próprio processo de aprendizagem como *sujeito* e não simples objeto.

O trabalho de Maria Risoleta S. Julião encerra esta coletânea com uma análise dos aspectos críticos de um dos mais utilizados instrumentos de coleta de dados linguísticos, a *entrevista*, por ela caracterizada como um “estranho diálogo”. Se a questão é apenas coletar dados para descrever a estrutura da língua, parece que a entrevista dá conta do recado. Contudo, uma observação mais acurada da entrevista mostra muitas inadequações para a maioria dos propósitos dos estudos linguísticos, sobretudo se as análises forem de caráter interpretativo. A autora apresenta o caso dos índios que muitos